

O JOGO DA AURORA,

por Bia Machado

Tomar para si a responsabilidade de renovar o mundo. Que novidade tem nisso? Nenhuma. Anos atrás, sim, muitos anos atrás os homens e as mulheres fizeram isso. Poderiam ter continuado a caçar e a colher frutos, mas inventaram de começar a plantar e a domesticar animais. Depois inventaram as cidades, o comércio e as guerras. Pelo menos, esta é a história que nos contam as escolas.

Tomar para si a responsabilidade de renovar o mundo faz parte também de uma história que não nos contam as escolas: afirmam certos místicos inspirados que Deus criou o mundo e as criaturas para tornar-se conhecido. Ao conhecer Deus, o mundo e as criaturas, o homem co-responde ao desejo de Deus. Impressionantes relatos dessa aventura humana encontram-se expostos na caverna de Chauvet. Ou no Parque Nacional da Serra da Capivara. Antes de escrever, pintar. Assim como Deus, inicialmente, pintou o mundo.

Tomar para si a responsabilidade de renovar o mundo é, na verdade, a experiência mais banal e simples que há. Todos os dias, desde o paleolítico, os homens imaginam cenas em seus mundos internos. Caminham por esta vasta terra da imaginação como caçadores-coletores, como guerreiros ou como governantes. Como vítimas de todo tipo de opressão ou como heróis de uma saga ainda por contar-se. Tagarelam com Deus.

Mas poucos sabem transmitir-nos essa conversa.

Recentemente fui visitar a caverna de minha Amiga Mariana. Assisti à sua perseguição do melhor tom da tinta. Ouvi seus profundos silêncios em cada cor, em cada traço. Viajei lenta e apressadamente pela sua eloquência de gazela jovem em diálogo animado com a sua lua velha, lenta e terrivelmente perspicaz.

Atravessei em instantes as longas horas em que ela combinava uma observação obstinadamente serena de detalhes de uma folha verde (ou lilás, ou roxa...) com uma opinião segura sobre a raia da piscina. Como alguém sabe combinar essas coisas tão díspares?

Digo, como alguém pode combinar obstinação serena com opinião segura? Ou talvez, como uma cruz pode tornar-se a raia da piscina e

toda a delicadeza do mundo pousar no galho de uma postura de yoga? Mas minhas perguntas não esperam exatamente uma resposta, não se trata disso. A perplexidade que experimento basta-se.

A profusão de vida e de conversa que Mariana sugere-propõe-responde, com uma vitalidade que faria o salto de um gato sobre um pássaro parecer camera lenta, torna o pensamento desnecessário: o presente está aqui.

Se a cruz pode tornar-se a raia reta na água, quer dizer que o líquido de que somos feitos na matéria da vida não apaga as formas, não anula as marcas. Tampouco permite que elas endureçam. Não há porque apagar o passado se a vida cobra coragem.

À medida em que a terra produz, a água a transforma. O pincel líquido de Mariana seduz a terra para mostrar seus ocultos, para sorrir outras nuances. Ah, os professores da nossa época não entendem de disciplina nem de obediência: venham aprender com Mariana, que obedece disciplinadamente às alegrias sutis, subjacentes à árdua busca de escutar com precisão o que cada forma quer mostrar, em cada momento, em cada sopro.

Enquanto sua obra é ao mesmo tempo artesã e dona do mundo, súdito e rei, sem humildade e sem orgulho. É fada do lago que explora tanto os desenhos do vento na superfície da água quanto os segredos das pedras ocultas do fundo, vermelhas, verdes, azuis e brancas.

E, sim, estão todos aqui, à volta da mesa: Armando, Maria Ângela, Juliana, Lívia e Tom, o amigo da minha Layla. Todos sabendo que todas as histórias de cada um podem misturar-se e, do caldo do passado, tomar outras formas, outros fios, outra luz nas mãos antigas e alegres de uma pintora que escreve poesia a cores, com a autoridade de quem toma para si a responsabilidade de renovar o mundo.

Enquanto Tom e Layla, cada um em seu canto, devoram seus robustos ossos... naturais... sem química.

Bia Machado

Bia Machado é doutora em Filosofia da Educação na FFLCH-USP, co-autora do Modelo Caleidoscópico, um modelo de pesquisa pedagógica baseado no Encantamento e na Filosofia Contemporânea. É sócia-fundadora do Coletivo Faculdade da Imaginação.